

## CELSO FURTADO: DA HISTÓRIA, ATRAVÉS DA ECONOMIA, PARA A HISTÓRIA

Celso Furtado: From history, through economics, to history.

Liana BOHN  
Universidade Federal de Santa Catarina  
libohn@gmail.com

### RESUMO

**Objetivo:** Conforme seus registros, Celso Furtado assumiu para si, desde muito cedo, 'a tarefa de pensar o Brasil'. Para isso, 'armou-se de conhecimento', especialmente o científico, o que lhe garantiu um olhar multidisciplinar sobre os problemas brasileiros e sobre as perspectivas de transformação econômica e social. Para além de grande teórico da economia do desenvolvimento (e do subdesenvolvimento), Furtado forneceu novas bases para a leitura da formação econômica do país e, a partir de seu método histórico-estrutural, deu os primeiros passos na decolonização das Ciências Econômicas brasileiras. Como homem de ação, aliou conhecimento e prática, sendo também um agente do processo de transformação do país, com especial destaque aos esforços despendidos no Nordeste e no âmbito da cultura. Este ensaio, em comemoração aos 100 anos de seu nascimento, tem a pretensão de fazer um breve recorrido da trajetória intelectual e política daquele que, a partir da história e através da economia, entrou para a história do Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Subdesenvolvimento; Cepal; Formação Econômica do Brasil; Sudene; Ministério da Cultura.

### ABSTRACT

**Objective:** According to his memories, Celso Furtado assumed for himself, from a very early age, 'the task of thinking about Brazil'. For this, he 'armed himself with knowledge', especially scientific, which guaranteed a multidisciplinary look at Brazilian problems and the prospects for economic and social transformation. Besides the fact of being a great theorist of development (and underdevelopment) economics, Furtado provided new bases for reading the country's economic formation and, using his historical-structural method, took the first steps in the decolonization of Brazilian Economic Sciences. As a man of action, he combined knowledge and practice, also being an agent of the country's transformation process, with special emphasis on the efforts spent in the Northeast and in the context of culture. This essay, commemorating the 100th anniversary of his birth, intends to make a brief tour of the intellectual and political trajectory of the one who, from history and through economics, entered the history of Brazil.

**KEYWORDS:** Underdevelopment; Cepal; Brazil's Economic Formation; Sudene; Ministry of Culture.

**Classificação JEL:** A11

Recebido em: 03-11-2020. Aceito em: 12-11-2020.

# 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Descrever a trajetória acadêmica e política de Celso Furtado não consiste apenas da enumeração de livros, artigos e momentos por ele vividos. Talvez porque aquele menino, nascido em 1920 em Pombal/PB e que sonhava em ser escritor de romances, viu a vida em retrospectiva como um emaranhado de lugares, pessoas e indagações que o constituíram enquanto ser humano e que formaram aquele que se converteria em um dos maiores pensadores do Brasil. Após um século do seu primeiro respirar, as contribuições feitas em uma ativa vida acadêmica e política ganham novo destaque pela comemoração do centenário de seu nascimento, rememorando-nos que seu espaço deve ser garantido e celebrado de modo vitalício e ininterrupto, especialmente naqueles momentos em que as Ciências Econômicas passam por um esvaziamento de seu conteúdo social e político.

A atualidade da obra de Furtado, que fez história ao ser líder da corrente desenvolvimentista nacionalista do Brasil (BIELSCHOWSKY, 2004), está não apenas na percepção de que muitos dos problemas identificados por ele nos anos 1950 e 1960 permanecem vívidos, mas também em sua capacidade de promover, desde lá, uma consciência crítica de nossa situação (BIELSCHOWSKY, 2001). Não à toa, sua influência não fica restrita aos círculos acadêmicos e tem repercussão em todas as partes, com sua obra sendo traduzida e discutida em diversos idiomas, que vão desde o inglês ao polonês e o farsi. Atualmente, os frutos são diversos: dezenas de publicações na base de dados da Scielo e mais de mil artigos referenciando a obra e o autor no Portal de Periódicos da Capes, bem como uma estimativa, realizada no ano 2000, de 10 milhões de leitores espalhados pelo mundo (20 anos depois e diante do quadro que vivemos, esse montante deve ser grandiosamente maior) (DE SOUZA; THEIS; BARBOSA, 2020; BIELSCHOWSKY, 2001).

Este ensaio tem a pretensão de retomar a rica trajetória intelectual e política de Celso Furtado, tentando capturar nuances do ‘observador histórico’, do ‘personagem de grande importância’ e ‘do privilegiado intérprete’, que tinha a interrogação sobre o Brasil como centralidade (PAULANI, 2001). Para isso, o trabalho se divide em quatro partes além destas breves considerações iniciais: a seção 2 (“A construção do economista”) aborda a vida de Furtado até sua ida à Cepal, enquanto na seção 3 (“Os desafios de ser um acadêmico de ação”), exploram-se inicialmente as experiências e compreensões teóricas no âmbito de instituições não-universitárias e no governo, abrindo espaço à vida como docente

universitário. Na quarta parte, apresentam-se as características da análise furtadiana como forma de articulá-la com o amplo debate acadêmico de que passa a fazer parte, seja como crítico (às diferentes ideias e ao distanciamento que se processa entre a teoria econômica ao mundo real) ou como parceiro intelectual na construção de conhecimento, em que a troca de ideias é valorizada e serve à compreensão da realidade enquanto responsabilidade moral. A isso, seguem-se as considerações finais.

## **2 A CONSTRUÇÃO DO ECONOMISTA: ARMANDO-SE DE CONHECIMENTO PARA TRANSFORMAR O MUNDO**

Há um século nascia Celso Furtado. Filho do sertão paraibano, o menino de Pombal crescera junto ao desenvolvimento das Ciências Econômicas no Brasil, sendo contemporâneo das importações teóricas incorporadas nos primeiros cursos da área. Isso não era um prenúncio com relação ao seu futuro, mas uma coincidência feliz de caminhos cruzados, que permitiram fazer da Economia brasileira um espaço com maior originalidade e onde o mundo real analisado poderia abarcar, através de sua reflexão, a interação do econômico, do político e do social.

Embora fosse bastante crítico à sua estrutura familiar – “o pai fora praticamente um estranho”, “a mãe quase não soubera fazer-se amar” (FURTADO, 2019, p.77) –, a educação de Celso Furtado, o segundo filho de oito, foi permeada por privilégios comparativamente à maioria da população nordestina, marcada pelo analfabetismo. Do lado materno, tinha-se uma família de proprietários de terra; do lado paterno, uma família de magistrados. É do senhor Maurício, o pai, também juiz e maçom, que vem uma compreensão da desconfiança com relação às trapaças políticas e uma postura anticlerical, aberta a novas ideias e ao debate. Também é dele a biblioteca onde Furtado encontra, aos 14 anos, o que chama de paixões intelectuais: a história, primeira delas, e a literatura.

Neste período, Furtado se diz já ser uma “pessoa com uma aguda sensibilidade social”, de modo a orientar suas “leituras no sentido de consolidar e aprofundar essa consciência” (FURTADO, 2019, p. 222). Nesta mesma linha, aos 18 anos, enquanto estava no liceu em Recife, registra em seus diários a vontade de escrever uma história da civilização brasileira – “seria uma obra completa sob o ponto de vista crítico-filosófico. Não seguiria o plano até hoje seguido pelos nossos historiadores” (FURTADO, 2019, p. 48).

É na literatura, entretanto, mais especificamente na ficção, que Furtado vislumbrará seu espaço no mundo. Curiosamente, o pontapé à vasta bibliografia se dará com a publicação de uma coleção de contos aos 25 anos (*De Nápoles a Paris: contos da vida expedicionária*), mas em seguida já rabisca o roteiro para uma nova obra, a ser chamada de *Transumância*, e, em 1955, delinea um romance que tem, em sua estrutura, as representações da realidade brasileira a partir das relações de classe (FURTADO, 2019).

Por trás de sua concepção de mundo, três são as correntes intelectuais que influenciam Celso Furtado: o positivismo, o marxismo e a sociologia norte-americana. Do positivismo, absorve a supremacia da razão e do conhecimento, especialmente do científico; de Marx, extrai a historicidade das formas sociais, o que promove uma responsabilidade moral diante da possibilidade de superação das condições históricas; e da sociologia, especialmente da teoria antropológica da cultura, assimila o instrumento de trabalho. Com isso, tinha em mãos a arma do progresso:

Desde muito cedo me atribuí a tarefa ingrata de pensar o Brasil. (...) O mundo em que eu vivia me parecia absurdo. (...) Transplantou-se em mim a ideia de que o mundo pode ser diferente, que cabe aos homens lutar para fazê-lo melhor que é. É preciso estar armado para essa luta e a arma principal é o conhecimento, em particular em sua forma mais nobre que é o conhecimento científico. Não basta a vontade política. É necessário armar-se de conhecimento para transformar o mundo (FURTADO, 2019, p. 426).

O reconhecimento de que a atividade intelectual poderia, de fato, transformar a realidade, sendo parte das mudanças da história, será consolidada com a leitura de Karl Mannheim, promovendo uma aproximação de Furtado às Ciências Sociais. Em suas incursões neste campo, o conhecimento científico ainda é estruturado em seu máximo rigor, de modo a não se tratar de conhecimento ideológico. Essa distinção, tão clara para ele, não mais parece ser observada no debate acadêmico recente, quando a *heterodoxia* passa a ser interpretada caricaturalmente como mero discurso político porque não marcada pela objetividade e construção de mundo neoclássica.

Até que Furtado passe a contribuir com esse debate, muitas serão as reviravoltas de sua vida. Como meio de sustento, é no jornalismo (na *Revista da Semana* e no *Correio da Manhã*) que dá seus primeiros passos, mas a decepção com a profissão é evidente: “aos 22 anos eu era um homem que trabalhava o dia inteiro para viver, não tinha ideal, não tinha fé, não tinha programa de vida” (FURTADO, 2019, p. 77). Transfere-se para o serviço público já em 1943, quando no Dasp (Departamento Administrativo do Serviço Público) passa a ter contato com novas problemáticas que o levam aos problemas sociais. Essa

mudança é percebida também no início da vida acadêmica, quando há um distanciamento dos estudos de Direito, iniciado na Universidade do Brasil no Rio de Janeiro em 1940, para a área de Administração, especialmente nos estudos de organização, onde terá seus primeiros trabalhos publicados. Da organização, caminha para o planejamento e para a possibilidade de percebê-lo como técnica social; e do planejamento, a jornada o leva para a Economia, estudada inicialmente de forma independente.

Tivera em anos anteriores dois cursos de economia que me haviam deixado a impressão de que esta era uma ciência menor, para gente sem imaginação. Dos malabarismos verbais com que o professor procurava transmitir a ideia de utilidade marginal (...) ficou-me uma vaga impressão de jogos de espírito pueris (FURTADO, 2013, não paginado).

É com a leitura de trabalhos da historiografia econômica, especialmente de Pirenne, que Furtado percebe a Economia como forma de compreender a história, portanto como um instrumental. Sua percepção da história, entretanto, não se converterá em uma “teoria do passado, mas do presente e do futuro, feita para agir”<sup>1</sup>. Ao aliá-la com a Economia, cria uma nova lente macroeconômica sobre uma visão de mundo delineada ao longo de 26 anos de leituras prévias e vivências marcantes (como ser soldado da Força Expedicionária Brasileira na Itália em 1945), o que justifica ele não compreender a existência de problemas ditos *estritamente econômicos*.

Minha posição mental é algo distinta, pois eu não sou exatamente o que se chama um economista. Por mais que haja estudado economia, é fundamental em mim o fato de que busquei nessa ciência, desde o início, um instrumento de análise a mais para compreender a história. Eu parto da observação do processo histórico e metodicamente vou introduzindo a análise econômica (FURTADO, 2019, p. 167).

Com o título de Bacharel em Direito em mãos, a inflexão para a Economia ocorrerá no doutorado. A tese de Furtado, orientada pelo professor Maurice Byé e defendida na Universidade de Paris em 1948, era um prelúdio da Formação Econômica do Brasil, ao tratar da fase açucareira no processo de formação do país. Um ano depois seria publicado o primeiro artigo discutindo as transformações da economia brasileira e, uma década mais tarde, a sua *magna obra*. Ao longo desse período e no decênio subsequente, a busca pela compreensão da nação será objeto de grande parte de seus esforços intelectuais, que aos poucos se transmutarão na busca de respostas quanto às especificidades do subdesenvolvimento (FURTADO, 2013).

---

<sup>1</sup> Trecho que consta na fala de Francisco de Oliveira na cinebiografia “O Longo Amanhecer”.

Ao retornar para o Brasil como doutor, Furtado retoma os trabalhos no Dasp e passa a fazer parte do quadro de economistas da Fundação Getúlio Vargas, na redação da revista *Conjuntura Econômica*. Neste período, as disparidades regionais e a heterogeneidade social eram prementes, pairando sobre o meio intelectual um sentimento de descrença quanto às iniciativas governamentais. Sua ausência do país em três momentos dos anos 1940 serve de justificativa ao pequeno espaço que tem no pobre debate econômico do período de redemocratização pós-Vargas. Sobre ele, Furtado (2019, p. 253) destaca a presença de Roberto Simonsen que, embora tenha criado uma escola de estudos superiores em São Paulo, “permaneceu marginalizado pelo academicismo econômico” que se fundava “num estrito marginalismo, o que tendia a confirmar a visão do economista no plano microeconômico”. Enquanto isso, a ortodoxia liberal brasileira liderada por Eugenio Gudín, produto das escolas de engenharia, gerava, de acordo com ele, ‘efeitos deletérios’ nos esforços iniciais das Ciências Econômicas brasileiras, ao impedir

(...) que se formasse um pensamento crítico, capaz de analisar essa política [econômica em vigor] e contribuir para desacreditá-la. Mais rigorosamente: ele [o pensamento ortodoxo] reduzia a eficácia de todo pensamento crítico que se esboçava, expondo-lhe o caráter amadorístico, ‘não científico’. A ortodoxia econômica não fazia a política, era apenas uma escora das estruturas tradicionais, um cimento do *status quo*. Ela também servia para desencorajar o estudo do real (FURTADO, 2019, p. 254).

Neste cenário de vácuo no debate econômico e de transição política, em que o Plano Salte é desenhado para definir as prioridades nos investimentos públicos contando com recursos financeiros americanos malogrados na Missão Abbink, Furtado assume a posição de economista na recém criada Comissão Econômica para a América Latina (Cepal) no Chile. É a partir daí que ele sedimentará seus esforços intelectuais, conhecendo profundamente a realidade latino-americana e entrando em contato com diferentes debates teóricos que ganham força no mundo. Consolida-se, assim, “o” Celso Furtado.

### 3 OS DESAFIOS DE SER UM ACADÊMICO DE AÇÃO

Mesmo na atualidade, poucos são os intelectuais das Ciências Econômicas que transitam entre a produção de conhecimento científico e a aplicação dos mesmos no mundo real, pondo em prática as ponderações antes realizadas e apoiando seus escritos posteriores nos desafios da vivência cotidiana. Ao fazer isso, o “cientista como agente de

transformação social” inicialmente deve sentir a desorientação decorrente do choque com uma realidade distante da formação recebida, mas a frustração cede espaço à responsabilidade que emana de suas escolhas, especialmente nos países mais sedentos por estratégias de superação da pobreza, do atraso tecnológico e das diferentes formas de desigualdade.

Daí que Furtado (2013) destacasse a importância de reconhecer *valor* na produção das ciências sociais, o que compreende um comprometimento “com os fins da vida humana”, assumindo um papel de cidadão neste processo. Em suas palavras, proferidas em 1997 no XXIV Encontro Nacional dos Estudantes de Economia em Campinas, “o economista não pode ser aquele que apenas vende serviços, ele tem que ser alguém que transmite uma mensagem”<sup>2</sup>.

Ao aliar o distanciamento crítico com o engajamento político, a cidadania furtadiana manifestou-se não apenas no Brasil, mas na América Latina. Entretanto, é no Nordeste do país que ela ganha sua expressão máxima, o que se traduz em um dos maiores esforços para a superação dos desequilíbrios regionais já posto em prática, a ponto de ser possível afirmar que a Sudene (a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) é Furtado. “As peripécias da vida alimentadas pela ideia de que nosso povo merecia um destino melhor” conduziram-no ao exílio e à cassação dos direitos políticos, de modo que embora tenha sido o quarto demiurgo do Brasil, nas palavras de Francisco de Oliveira, suas atividades universitárias ocorrerão, em sua quase totalidade, fora do país (FURTADO, 2013).

### 3.1 A vida entre identificar problemas e propor soluções

De acordo com Furtado (2013), suas atividades como economista podem ser avaliadas em três momentos: os anos na Cepal, os anos dedicados ao Nordeste e os anos de vida universitária. De 1949 a 1964, embora com propósitos bastante diversos, os problemas do desenvolvimento se converterão em sua bússola, inicialmente na forma de uma reflexão profunda no âmbito dos países latino-americanos e, posteriormente, no planejamento e execução de políticas ao longo dos governos JK, Quadros e Goulart.

---

<sup>2</sup> O depoimento de Celso Furtado encontra-se no canal do Instituto de Economia da Unicamp no Youtube. Para visualizar: [www.youtube.com/watch?v=vf7uHIMK2oI&ab\\_channel=InstitutoDeEconomiaDaUnicamp](https://www.youtube.com/watch?v=vf7uHIMK2oI&ab_channel=InstitutoDeEconomiaDaUnicamp).

Com apenas 29 anos, Furtado desembarca em Santiago para dar início à trajetória na Cepal. Constituída inicialmente por um pequeno grupo de economistas, em sua maioria de jovens formados em universidades norte-americanas, posteriormente ampliada para abarcar estudiosos de outras áreas – uma das recomendações do intelectual em questão, por acreditar na importância da multidisciplinariedade como forma de combater o economicismo na compreensão dos problemas do desenvolvimento – tornar-se-á uma das instituições mais respeitadas ao longo de seu processo de consolidação. Nela, Furtado debruçou-se em estatísticas que lhe mostravam a insuficiência de informações econômicas sobre o Brasil e o evidente atraso brasileiro na América Latina. Diante disso, surge inevitavelmente uma obsessão na busca por respostas que justificassem a precariedade do desempenho recente do país. Neste processo, contará com muitas reflexões de um já conhecido economista argentino (FURTADO, 2013).

A participação de Raúl Prebisch na Cepal, o “único economista latino-americano de renome internacional”, deveria ser curta, apenas como consultor para um estudo sobre a situação da economia latino-americana. Da repercussão deste trabalho, que se tornaria o ‘manifesto fundador da escola cepalina’, não apenas a permanência do argentino foi ampliada, como também suas ideias chegariam ao Brasil, na Revista Brasileira de Economia, através de uma tradução feita por Furtado. Essa pedra angular abandonava a falsa universalidade da teoria econômica, criticando o *laissez-faire* no âmbito das trocas internacionais e refletindo sobre as “peculiaridades do subdesenvolvimento” (FURTADO, 2014).

Os debates e estudos cepalinos daí subsequentes, preparados em sua ampla maioria para conferências realizadas em diferentes países da América Latina, aprofundaram a compreensão da realidade da região. Para Furtado, especificamente, os debates se mostraram decisivos ao revelar que “(...) o subdesenvolvimento configurava um quadro histórico qualitativamente distinto daquele que tínhamos no espírito quando teorizávamos sobre o desenvolvimento. Não se tratava de uma fase, e sim de algo diferente, cuja especificidade cumpria captar” (FURTADO, 2014, não paginado).

O ganho de espaço no debate acadêmico latino-americano foi diverso. Enquanto em muitos países a Cepal era vista como mera extensão de Prebisch, no Chile adentrou principalmente através da orientação de trabalhos de pós-graduação (como foi o caso de Osvaldo Sunkel, orientado por Jorge Ahumada), enquanto no Brasil serviu de aporte teórico à defesa, principalmente por parte da classe empresária industrial, da continuidade do

processo de industrialização sob responsabilidade do Estado, iniciado nos anos 30 sem um projeto orientado para tal.

Após a exposição das teses cepalinas por Prebisch a Vargas, ficava clara a necessidade de refletir sobre como colocar em prática a reestruturação das economias latino-americanas. Para isso, foi criada a Divisão de Desenvolvimento Econômico, que ficaria sob a direção de Furtado. Ela teria por finalidade preparar a estrutura de planos de desenvolvimento mediante a elaboração de técnicas que ponderassem as opções disponíveis para cada país diante dos esforços necessários em cada um dos cenários prescritos (pressão sobre o balanço de pagamentos, mudanças estruturais requeridas, pressão inflacionária, entre outros). Para o novo diretor, a dificuldade recaía na formação dos economistas que, acostumados a pensar estaticamente, distanciavam-se de técnicas de planificação. (FURTADO, 2013).

O próximo passo seria colocar em prática, no Brasil, os esforços realizados no âmbito da Divisão de Desenvolvimento Econômico. Para isso, foi composto um grupo misto, em 1953, entre a Cepal e o recém-criado BNDE, que havia dotado “o país de um instrumento de financiamento a médio e longo prazos e [que] equipou o Estado com os meios técnicos necessários para conceber e implantar uma política abrangente de desenvolvimento” (FURTADO, 2014, não paginado). Coube também a Furtado a direção e sua coordenação se deu em cooperação com Roberto Campos, que era copresidente da Comissão Mista. O estudo daí decorrente, que realizava um diagnóstico da situação do Brasil acompanhado de tendências e projeções para os próximos anos, ficaria engavetado no período em que Gudin esteve à frente do Ministério da Fazenda, servindo posteriormente de base ao Plano de Metas proposto por Juscelino.

Neste mesmo período, é publicado o primeiro livro de economia de Furtado – *A Economia Brasileira* – que se constitui de uma síntese de suas ideias e críticas no âmbito das teorias de desenvolvimento, somada às perspectivas históricas e atuais da economia nacional. Diante da falta de espaço para a divulgação das novas ideias, cria ainda o *Clube dos Economistas* e a revista *Econômica Brasileira*, que passa a ser considerada o canal de difusão do pensamento heterodoxo. Entretanto, nesse ínterim, as oportunidades que começam a se delinear no Brasil contrastam com a imposição de restrições, pelas Nações Unidas, às publicações pessoais de seus técnicos, o que desagradava o espírito independente de Furtado, que identifica uma contenção à sua capacidade criativa. Inicia-se aí um lento processo de desligamento da Cepal, que se conclui após passar um ano na Universidade de Cambridge sob convite de Nicholas Kaldor. Neste período, escreve a

*Formação Econômica do Brasil*<sup>3</sup>, publicada em 1959, e dá nova vazão ao trabalho teórico a partir do contato direto com Piero Sraffa, Joan Robinson e Amartya Sen.

No retorno ao Brasil, em 1958, Furtado assume uma diretoria do BNDE que, por sua exigência, seria circunscrita ao Nordeste, a partir do qual a temática da desigualdade regional ganha importância crescente em seus trabalhos. Sua constatação de que a seca era um fenômeno que superava os aspectos biológicos, porque relacionada com estruturas socioeconômicas locais e articulada com os avanços industriais do centro-sul do país, fazia com que as interferências governamentais intermediadas por representantes políticos latifundiários, reforçasse as condições calamitosas de vida naquele espaço do Brasil. Era, em suas próprias palavras, “uma região subdesenvolvida dentro de um país subdesenvolvido”, de modo que quaisquer políticas que ignorassem as disparidades regionais não seriam neutras quanto aos seus efeitos sobre a população, postergando a resolução dos problemas que tenderiam a se agravar.

Ao ter a oportunidade de apresentar tal quadro a JK, Furtado foi nomeado para comandar a Operação Nordeste (Openo), o que o leva ao Conselho de Desenvolvimento do Nordeste (Codeno) e à criação da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), onde cumpriria seu desejo de contribuir decisivamente para mudar a região – “se me derem as armas eu chegarei onde quero, e tenho fé em que mudarei o curso das coisas no Nordeste” (FURTADO, 2019, P. 172). Aliando-se à Igreja Católica, liderada por d. Helder Câmara, e articulando os governadores de modo que pensassem a região para além dos interesses estaduais (o que garantiria a continuidade dos esforços, não sem atropelos, diante de querelas partidárias de sucessão presidencial), contra-ataca diversos interesses que, até então, viam a seca como um negócio próspero – a tal Indústria da Seca. A posição de Furtado é plenamente traduzível nas palavras de Barbosa (2020, p. 67): “(...) se tornou uma espécie de Lampião, contra os coronéis. Porém, sem fuzil e sem cartucheira, mas com as armas da argumentação democrática e da inteligência aguda do economista universal”.

Os esforços da Sudene, orientados a longo prazo, foram de encontro, entretanto, com os interesses da *Aliança para o Progresso*, uma articulação Estados Unidos-Brasil que se reagia, nas palavras de Furtado, a partir da ‘síndrome de Cuba’, encontrando motivos

---

<sup>3</sup> Em 1958, Furtado escreve em seus diários: “Sempre que na Cepal eu começava a estudar a economia de um país, procurava um livro que me desse uma ideia de conjunto do processo histórico que havia levado à situação atual. Quase nunca encontrei esse tipo de livro. Pois minha ideia foi escrevê-lo com respeito ao Brasil” (FURTADO, 2019, p. 150). Para Paulani (2001, p. 139), “a partir da *Formação* passou-se a ver o que antes apenas se enxergava”.

de intervenção com a imagem das Ligas Camponesas na região. O posicionamento crítico de Furtado às incursões americanas no Nordeste valera-lhe campanhas difamatórias na imprensa nacional, dado que ele era o ‘elemento bolchevizante’. “Aparentemente, a direita fizera sua opção: dar um basta ao avanço das forças sociais. E contava com apoio externo” (FURTADO, 2014, não paginado). Por outra parte, suas tentativas de aproximação com os americanos, a fim de orientá-los para uma atuação mais frutífera no Nordeste, colocara-o como ‘agente de Wall Street’ pela esquerda.

Neste fogo-cruzado, o combate de Furtado se apoiou no campo da ação. A partir de suas conhecidas técnicas de planejamento, delineou um plano que contava com diferentes focos de atuação, como o apoio educacional à formação de um quadro técnico qualificado, a criação de infraestrutura energética, de transporte e saneamento, os incentivos à industrialização, a estocagem de alimentos, os projetos de hidrologia, a colonização em larga escala. Sobre tais paradoxos de fazer política, Furtado destacava:

Estava consciente da ambiguidade da minha posição, pois os que me escutavam não viam em mim um intelectual; certamente, ali não estariam se eu fosse apenas isso. Viam em mim um homem que exercia poder, cujas decisões, em graus distintos, afetavam a vida de muita gente. Minha única fonte de legitimidade para contrapor-me a latifundiários, industriais da seca e similares provinha da confiança do presidente da República, em cujo nome eu falava. (...) Não estava ligado a um partido político, cuja plataforma eu interpretasse e houvesse merecido a sanção do voto popular. Contudo, nos debates, inclusive parlamentares, as críticas não eram dirigidas ao presidente, e sim a mim. Se o presidente me mantinha no posto, não obstante as acerbas críticas que recebia, era porque eu adquirira peso próprio (FURTADO, 2014, não paginado).

O peso político assumido por Furtado fica evidente quando Goulart o atribui, em 1963, a função de Ministro Extraordinário do Planejamento (exercido ainda sob a manutenção do controle da Sudene) para a elaboração de um plano de governo. O Plano Trienal, como seria nomeado, reunia esforços de ajustamento de curto prazo (especialmente quanto ao controle das pressões inflacionárias e refinanciamento da dívida) às reformas estruturais (ampliar a ação educacional e de saúde pública, eliminar disparidades regionais e desburocratizar entraves à absorção de novas técnicas, o que também passaria por uma transformação da estrutura agrária). A definição de suas amplas bases de atuação, que se compunham de uma crítica contra a ortodoxia em um plano prático, exigiu esforços sobre-humanos da parte de Furtado, que teve menos de três meses para a elaboração (FURTADO, 2013).

Passada a tentativa frustrada de implementação do Plano e diante do quadro econômico e político marcado pelo crescimento das incertezas, Furtado sai do Ministério reconhecendo que, no âmbito da Sudene, muitos resultados positivos se tornavam visíveis. Ainda assim, não tardou para que, destituído o governo democrático, seus respingos se fizessem sobre suas liberdades. A cassação de direitos é, de certo modo, resultado de ser “radical como intelectual” ao buscar as raízes dos problemas, mas, enquanto político, ser “um articulador, capaz de operar alianças sem vender a alma ao diabo”<sup>4</sup>. Diante da nova realidade, enquanto exilado, Furtado mergulhará na vida universitária.

Após o retorno regular ao Brasil, a partir de 1979, o direcionamento dos esforços de Furtado seria diferente, embora apoiado no mesmo comprometimento com a nação. Dá vazão à sua necessidade de pensar politicamente e responsabilizar-se neste mesmo campo, filiando-se ao PMDB em 1981 como forma de ser um dos articuladores do processo de democratização – ou, como se autodenomina, “catalisador no processo político que levou ao fim do militarismo” (FURTADO, 2019, p. 324). Nessa linha, integra o Plano de Ação do Governo (Copag) de Tancredo Neves, que deveria apresentar uma proposta de atividades a serem desenvolvidas nos primeiros cem dias de atuação. Posteriormente, é designado embaixador do Brasil em Bruxelas em 1985, junto à Comunidade Comum Europeia, ao que Furtado coloca nos seguintes termos: “seria uma tentativa de afastar-me do primeiro plano e mesmo neutralizar-me como um crítico potencial? (...) Ou seria uma ‘compensação’, um prêmio de consolação, que me oferecia o partido, por serviços prestados?” (FURTADO, 2019, p. 311). Independente da justificativa, o posto diplomático será ocupado por pouco tempo, retornando ao Brasil para assumir o Ministério da Cultura, a convite de Sarney após este ter recebido um abaixo-assinado liderado por Fernanda Montenegro. O argumento dela era que “o ministério *devia ser criado* e para isso se necessitava de alguém capaz de falar com os que controlam o dinheiro” (FURTADO, 2019, p. 323).

Mas Furtado não era apenas isso. Embora muitos acreditassem que ele visse tal ministério como uma etapa para atingir a pasta da Fazenda, o desafio que se apresentava era para ele uma missão. Nas palavras de sua viúva, “não era recente a sua reflexão sobre a cultura, já presente, por exemplo, em *Criatividade e Dependência*. Esse livro é um divisor de águas, dali em diante ele só fez insistir a aprofundar a ideia de que a economia é uma ciência social” (DE LACERDA et al., 2020). Furtado, por sua parte, compreendia a cultura

---

<sup>4</sup> Trecho que consta na fala de Maria da Conceição Tavares na cinebiografia “O Longo Amanhecer”.

na sociedade “como uma forma de vida e, portanto, como qualidade de existência”<sup>5</sup>. Seu principal legado no âmbito prático será a estruturação da Cultura como ente dotado de orçamento, podendo potencializar diferentes projetos nos mais diversos campos artísticos materiais o que, em grande medida, será realizado a partir da criação da Lei Sarney, que promovia incentivos fiscais à área.

Conforme o quadro conjuntural foi se deteriorando e dadas as medidas econômico-financeiras que passaram a ser adotadas, Furtado guardou suas críticas para não ampliar a crise do governo Sarney e não instabilizar as discussões da Constituinte. Entretanto, tendo cumprido sua missão no Ministério, cabia-lhe definir o momento de sua saída, que ocorreria em 1988. Para ele, o fato de ser um intelectual fazia com que a política partidária tivesse espaço em sua vida apenas em momentos excepcionais, como seria o caso da reconstitucionalização. A privação da liberdade de posicionamento era esterilizante.

### 3.2 A vida entre aprender e ensinar

De acordo com Furtado, sua terceira fase como economista compreende os anos de vida universitária, realizada em sua forma inicial, e breve, nos Estados Unidos (em Yale), substituída pela Universidade de Paris, onde será o primeiro estrangeiro a ser nomeado para uma universidade francesa. Concomitantemente a esta, também lecionou em diferentes institutos franceses e na Faculdade de Economia da Sorbonne, atuando como professor visitante em Cambridge e Columbia, bem como no Japão e na América Latina (inclusive no Brasil, durante um semestre, na PUC-SP). Em todos os casos, difunde seus estudos sobre as economias latino-americanas e o desenvolvimento/subdesenvolvimento para centenas de estudantes e orientandos, além de produzir ativamente e escrever uma dezena de livros (FURTADO, 2013; 2019).

Já em 1965, após um período de grande frustração com os rumos tomados pelo Brasil que o afastaram de seu próprio viver (“hoje considero a minha vida totalmente perdida, no sentido de que não posso recuperá-la”), Furtado parece retomar suas esperanças – senão na política, no campo da economia teórica – aliando as tarefas docentes à busca de soluções aos enigmas do atraso brasileiro.

---

<sup>5</sup> A fala de Celso Furtado foi retirada da entrevista dada em 1987 ao Roda Viva, encontrando-se disponível no canal do Programa: [https://www.youtube.com/watch?v=wPOJMGxBloA&t=781s&ab\\_channel=RodaViva](https://www.youtube.com/watch?v=wPOJMGxBloA&t=781s&ab_channel=RodaViva).

Estou levando a vida que sempre desejei: estudando, pensando, escrevendo. Também dedico algum tempo a rever traduções de trabalhos meus. Este será um bom ano para mim como escritor, pois a *Formação* deverá ser publicada em polonês, o *Desenvolvimento e subdesenvolvimento* circulará em francês, a *Pré-revolução* em espanhol e catalão, e a *Dialética* em espanhol e inglês. É essa a maior satisfação que pode ter alguém que escreve: saber que é lido. Em realidade, foi essa a única ambição que tive desde rapaz, seguramente por influência de papai, que me criou entre livros (FURTADO, 2019, p. 227).

Deste modo, Furtado se diz “vestindo a pele de um professor universitário europeu”, vivendo mais em contato com os livros do que com o mundo real. Após anos envolvido diretamente com os problemas brasileiros, seu receio era perder a capacidade de comunicação com o outro, desconsiderando as coisas sensíveis (FURTADO, 2019, p. 230). Fato é que suas aulas se tornaram cheias de estudantes (e externos à universidade) que pretendiam ter acesso às discussões sobre os problemas do subdesenvolvimento, o que exigiu adequações de espaço e também de didática, ciente de que o atrativo identificado em suas disciplinas não estava em um método francês de ensino, mas na sua reputação, a essa altura, mundial.

Logo aprendi que, se me aplicasse em dar aulas no estilo francês – dentro de rígida sistemática e assoberbando os alunos de material que eles podem encontrar nos livros de texto –, em pouco tempo eu estaria falando para cadeiras vazias. Uma aula de um professor francês é quase sempre de elevado padrão formal, diria mesmo, assemelha-se a uma sinfonia clássica. (...) Tratei de compensar minhas insuficiências trazendo para debate nas aulas a problemática do subdesenvolvimento visto como uma série de desafios que enfrentam certas sociedades. As generalizações abstratas, a introdução de novos conceitos, as tipologias e modelos formalizados brotavam naturalmente à medida que se destilava o material bruto captado pelas estatísticas e das referências históricas. A leitura de livros de texto e de artigos é sem dúvida importante, mas não substitui a aula, que tem de ser em parte improvisada e incluir alguma forma de debate. Uma verdadeira aula comporta elementos de arte dramática, particularmente em ciências sociais (FURTADO, 2014, não paginado).

Embora com novas metodologias de ensino, Furtado adequou-se à tradição de escrever ensaios e livros que servissem de referência aos alunos, o que em si já era hábito ainda que direcionado a públicos diversos. É em virtude disso que ele, já tendo publicado em francês o *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*, faz uma obra de reedição que dá origem ao *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico*, enquanto *A Economia Latino-Americana* sintetiza os tópicos discutidos na disciplina de desenvolvimento econômico (FURTADO, 2014).

Aliado às funções docentes, Furtado participou de inúmeras conferências, dentro e fora da França, dando preferência aos centros nos quais havia estudos relacionados à América Latina. O mesmo ocorre com relação a bancas examinadoras, para as quais se avalia como ‘extremamente exigente’. Entre seus alunos, havia uma preponderância de estudantes latino-americanos, em que ele reconhecia um comportamento díspar daquele observado nos franceses. Estes eram atentos às aulas, anotando o máximo de informações e, posteriormente, sintetizando-as nos detalhes que lhes parecessem mais importantes, sendo o mesmo tratamento dado às leituras; enquanto isso, os latinos eram desorganizados e, aqueles que fugiam à regra e conseguiam se destacar, eram casos raros. Essa diferença também era manifesta entre seus orientandos e, para muitos deles, faltava fôlego para concluir os trabalhos (FURTADO, 2014).

Das experiências docentes francesas para possíveis novas oportunidades, o reconhecimento acadêmico em nível mundial fez com que Furtado fosse cogitado a ser reitor da Universidade das Nações Unidas em Tóquio, criada em 1973. Diante dessa possibilidade, a ser pensada caso confirmada, ele reafirma seu compromisso de cidadania: “a vida de um homem para algo deve servir” (FURTADO, 2019, p. 260).

Enquanto isso, no Brasil, Furtado tinha seu primeiro artigo censurado por tratar dos efeitos decorrentes do processo de concentração de renda no país, dando destaque a temáticas extremamente atuais, como o impacto diferenciado sobre a população negra e sobre as mulheres (FURTADO, 2014). A hodiernidade vai além: n’O *Mito do Desenvolvimento Econômico*, traz uma reflexão sobre ‘custo ecológico do desenvolvimento’, divulgado através de um relatório do Clube de Roma, de modo que o mito pode vir do confronto de um projeto de desenvolvimento e a contrapartida da destruição de recursos naturais. Assim, abandona o conceito estrito de desenvolvimento/subdesenvolvimento para qualificá-lo, ampliando-o a dimensões sociais, ambientais e culturais (DE LACERDA et al., 2020).

Depois de muito esforço de teorização, Furtado dá início à organização de seus trabalhos e memórias, como se soubesse estar próximo de encerrar um ciclo. E assim, conforme Cepêda (2001, p. 167), a partir dos anos 1980 passa “à categoria de clássico, como um autor necessário para compreender a realidade das décadas que trataram do desenvolvimentismo e da transição da economia mercantil para a economia industrial”.

## 4 CELSO FURTADO NAS CIÊNCIAS ECONÔMICAS: OS DEBATES E AS CRÍTICAS

O trabalho de Furtado, reforçado em textos, palestras e entrevistas conferidas ao longo de sua vida, reflete um comprometimento moral com as Ciências Econômicas, não apenas no sentido de ajuizar com maestria os problemas enfrentados pelos países periféricos, mas também ao enveredar por uma crítica aos caminhos percorridos pelo *econômico* enquanto conhecimento científico. A idealização da formação do economista como aquela que reúne uma base metodológica sólida e a compreensão do método científico em geral, fez de si mesmo um profissional anacrônico, utilizando de forma entremeada método e paixão – “no método ele foi rigoroso, mas isso não o impediu de encarar com paixão seu objeto de estudo, que foi sempre também um projeto republicano de vida: o desenvolvimento do Brasil” (BRESSER-PEREIRA, 2001, p. 19).

É possível que tal anacronismo advenha do fato de, desde muito jovem, identificar o descompasso entre a pretensão ao formalismo academicista, que se tornava uma tendência na pesquisa econômica, e a capacidade explicativa do mundo real. Para ele, era a observância atenta da realidade e a competência em representá-la em termos econômicos mais importantes do que as conclusões retiradas de modelos estocásticos (FURTADO, 2013). Sobre isso, reconhece na cinebiografia “*O Longo Amanhecer*” que sua qualidade era captar o essencial da realidade, transformando o mundo em experiência mental.

Nas palavras de Bresser-Pereira (2001), Furtado sempre pensou de forma independente, seja nos esforços realizados na teoria do desenvolvimento ou na análise econômica brasileira<sup>6</sup>. Enquanto economista do desenvolvimento, é colocado entre os pioneiros da teoria moderna (junto a Rosenstein-Rodan, Lewis, Nurkse, Myrdal, Hirschmann, Prebisch e Singer), utilizando-se do método histórico-dedutivo. Na teoria econômica, Ricardo, Marx e Keynes compreenderão suas bases, embora não pareça ser possível classificá-lo estritamente como marxista ou keynesiano, apenas como estruturalista latino-americano. Tal independência dá a ele a liberdade necessária para olhar os fatos econômicos embebidos em um movimento histórico para, a partir disso, inferir uma teoria. Não há, deste modo, aplicações mecânicas e teorias econômicas puras, mas

---

<sup>6</sup> Isso também fica evidente em seu posicionamento político quanto à filiação partidária. Para ele, isso representava abrir mão de sua liberdade de pensamento (FURTADO, 2014).

problemas que devem ser vistos a partir das lentes mais úteis, ainda que isso implique vagar entre escolas de pensamento.

A dificuldade de enquadramento teórico *a posteriori* decorre da “ousadia intelectual e originalidade” de Furtado, enfrentando “a ortodoxia em matéria de teoria e de política econômica”, ao mesmo tempo em que se opõe “às explicações convencionais sobre o subdesenvolvimento latino-americano”. Neste caso, o “sistema analítico furtadiano” tem um alicerce, que compreende o método histórico-estrutural, e três pavimentos, quais sejam: a análise do subdesenvolvimento econômico, a análise socioeconômica e sociopolítica e a problemática do subdesenvolvimento no âmbito da cultura (BIELSCHOWSKY, 2001, p. 110).

Diante disso, ao longo de sua vida, Furtado preocupou-se em se aproximar daqueles que trataram de temas e problemas semelhantes, sem dar destaque às divergências sobre os métodos adotados que, para ele, mostravam-se eficazes a partir da sua utilização. Ao mesmo tempo, tornou-se extremamente atuante no debate acadêmico, tirando deste uma construção de conhecimento apoiado na crítica e na lapidação de suas teorias.

É ao longo do segundo governo Vargas que Furtado assumirá uma posição de destaque no debate nacional, especialmente a partir da publicação de sua tradução do texto escrito por Prebisch na Revista Brasileira de Economia, em 1949. Como principal oponente teórico surgiria o editor da RBE – Eugênio Gudin, com o qual compartilhava a qualidade argumentativa, embora não-doutrinária. Isso não significava que as trocas fossem imunes a ironias, embora tais discussões apareçam na trajetória de Furtado como fonte de vigor, como se ele se abastecesse com as críticas recebidas e as transformasse em novas possibilidades de pesquisa.

O professor Gudin me disse um dia, em tom de reprimenda: “Você apela demasiadamente para a imaginação em suas análises. Devia ter sido romancista, e não economista”. Não cabe dúvida de que a imaginação descontrolada produz delírios, mas como conceber uma construção teórica sem um forte ingrediente de imaginação? Pelo fato mesmo de que são irreversíveis e comportam muito de aleatório, os processos históricos somente são compreendidos quando de alguma forma são reinventados. Daí que a capacidade analítica não seja suficiente para captar o que neles é essencial. Não se trata de fazer a teoria do particular, e sim de captar o que neste desborda do quadro explicativo convencional. Arregacei as mangas e comecei a pensar o Brasil com a desenvoltura de quem reúne ignorância e intrepidez (FURTADO, 2014, não paginado).

A ofensiva às ideias cepalinas foi adensada quando se tornou terceirizada mediante uma série de conferências realizadas no Brasil com a presença de professores

estrangeiros. Na primeira, Jacob Viner foi o representante; na segunda, Nurkse trazia o olhar para os problemas do subdesenvolvimento. Como não poderia deixar de ser, Furtado aproveitaria a oportunidade para discorrer sobre as discrepâncias que tinha com o trabalho deste último, posteriormente publicando um artigo também na RBE que marcaria sua inserção no debate internacional, com a tradução na *International Economic Papers*.

Em 1951, já como diretor da Divisão de Desenvolvimento da Cepal (encarregado de missões na Argentina, México, Venezuela, Peru, Equador e Costa Rica), viaja aos Estados Unidos e aproveita a oportunidade para entrar em contato direto com o mundo universitário norte-americano. Visita Wassily Leontieff, que surpreende Furtado ao possuir uma visão macro e micro que permite identificar o que é importante na realidade econômica; embora Walt Rostow, Kindleberger e Theodore Schultz não parecessem se mostrar interessados às suas preocupações. Deste contato, ele constata que as novas teorias latino-americanas, já que críticas à concepção de que o subdesenvolvimento seria uma imperfeição, acabaram por ser interpretadas pelos principais centros como reivindicadoras de um novo campo científico, específico às realidades periféricas.

A dificuldade de dialogar com Schultz e tantos outros competentes economistas norte-americanos provinha de que se empenhavam em descobrir a racionalidade do agente econômico, por mais etérea que ela fosse. Se o funcionamento do sistema apresentava roçamentos, devíamos atribuí-los a falhas institucionais ou de organização que cabia corrigir. Se um mercado era “imperfeito”, o que importava era eliminar a imperfeição, e não contrabalançar os seus efeitos indesejáveis. Tudo seria perfectível, e, se persistíssemos nessa fé, um dia alcançaríamos o mundo ideal da concorrência pura e perfeita. (...) Estava convencido de que na Cepal havíamos avançado em terra ignota, e que ocupávamos posições de vanguarda (FURTADO, 2014, não paginado).

Embora de vanguarda, essa posição foi continuamente criticada, especialmente quando deixava de pertencer apenas ao ambiente teórico para se converter em técnica possível de ser aplicada na programação do desenvolvimento econômico. Neste caso, a teoria cepalina sai das revistas especializadas e passa a ocupar a imprensa nacional, especialmente os periódicos cariocas. No Rio de Janeiro, por exemplo, ao mesclar com interesses políticos, o debate teórico se distancia dos ciclos universitários, criando um confronto entre o imobilismo que se assenta nas ideias estrangeiras em defesa da manutenção do *status quo* e a possibilidade de mudança pela via da industrialização, geradora intrínseca de incertezas.

Além da crítica, a reavaliação do trabalho realizado também é parte da maturidade intelectual de Furtado e da sua geração. Este foi o caso, por exemplo, dos esforços

despendidos por ele e Fernando Henrique Cardoso na passagem pelo Chile em 1964. Na oportunidade, percebiam a necessidade de rever o modelo cepalino clássico, ampliando seu escopo na direção social e política. Isso porque, embora a versão original tenha tentado enveredar por uma inflexão teórica ao focar em uma nova interpretação da América Latina, ainda se mantinha refém da dependência cultural (ou de novas formas de dependência). Posteriormente, Furtado daria ênfase aos impactos da homogeneização promovida pelo fenômeno da globalização e reforçado pela ação das multinacionais.

A partir daí, observa-se também um crescimento dos estudos de desenvolvimento econômico nas universidades americanas que, para Furtado (2014, não paginado), era reflexo da “tomada de consciência da necessidade de instrumentos mais sofisticados para manter sob controle a vasta periferia do mundo capitalista”. Em sua nova passagem por lá, já no exílio, ele destaca as trocas teóricas realizadas com Stephen Hymer, Galbraith, James Tobin, Robert Triffin e Werner Baer. Com este último, retoma a ideia da interdisciplinariedade dos estudos do desenvolvimento, embora ninguém se achesse a se afastar do paradigma dominante com receio de ser desqualificado academicamente.

No caso da análise do subdesenvolvimento, entretanto, isso seria ainda mais premente: assim como as estruturas políticas não podem ser transplantadas dos países centrais para a periferia, o mesmo não pode ocorrer no âmbito da teoria econômica. Deste modo, a formação dos economistas latino-americanos implicava em desafios maiores, uma vez que aprendem teorias extremamente simplificadoras de uma realidade que não é a sua. As hipóteses adotadas não encontram correspondência nas estruturas nacionais e o poder explicativo do comportamento da economia é insuficiente. Assim, “(...) não é de admirar que o estudante de economia saia de sua escola e comece a frequentar o mundo real com mais dúvidas e perplexidades do que outra coisa” (FURTADO, 2013, não paginado).

À guisa de conclusão, parece emergir uma aderência entre as reflexões furtadianas sobre a construção do pensamento econômico e as recentes propostas teóricas no âmbito das decolonialidades (QUIJANO, 2014). Não é o propósito deste ensaio avançar neste paralelo, mas é pertinente desdobrar do pensamento cepalino um primeiro esforço de teorização econômica decolonial, ao romper com as representações tradicionais do processo de desenvolvimento e subdesenvolvimento, reconhecendo a interdependência entre formação histórica, economia e estruturas de poder. Furtado, nessa perspectiva, já faria sua contribuição ao caso brasileiro, tentando descolonizá-lo mentalmente. Entretanto, ele vai além: ao legitimar a cultura não apenas como ramo da teoria econômica, mas como base, reflete sobre a necessidade de romper com o mecanismo que promove a perda da

identidade nacional e que gera a cultura da dependência (FURTADO, 1978; 1984). No âmbito dos direcionamentos teóricos, isso se manifestará em duas contribuições que demonstram a reprodução do *status quo* e, portanto, das diferentes formas de desigualdade: (i) no olhar crítico à apropriação de conhecimentos produzidos nos países centrais que, formulados para explicar aquela realidade, passam a ser percebidos como de validade universal<sup>7</sup>; e (ii) no reconhecimento de que a Economia, enquanto ciência *social*, não é neutra, sendo condicionada aos valores presentes em uma sociedade – “todo indivíduo que é agente consciente da história leva em si uma ideologia, isto é, um projeto com respeito ao futuro da sociedade, o qual resulta de uma opção” (FURTADO, 2019, p. 222). Isso não implica em tornar a Economia um campo de especulações e demagogias ao abandonar conceitos tradicionais, mas de fazê-la mais objetiva ao assegurar seus limites (FURTADO, 2013).

Em 1996, Furtado foi questionado por Theodoro (2020) com relação ao que antevia para as Ciências Econômicas. De sua fala, é patente que as críticas realizadas ao longo de sua vida, especialmente no que cabe ao ganho de espaço da abstração em detrimento da interpretação dos problemas reais com o propósito da ação, permanecem. Entretanto, assumem uma feição ainda mais preocupante: para ele, falta inovação de pensamento, de modo que além de a teoria econômica andar a reboque, ela está despreparada para os novos problemas. Passadas quase três décadas desde esse posicionamento, parecemos permanecer a esmo, na expectativa de que surjam novos *Furtados*.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio de discorrer sobre a trajetória de vida daquele que, nas palavras de Bresser-Pereira (2001), é o intelectual que contribuiu mais decisivamente na compreensão do Brasil não é tarefa fácil, embora extremamente recompensadora. Ter acesso às reflexões de Celso Furtado, para além de seus trabalhos técnicos, tem sido possível principalmente graças aos esforços de sua viúva, Rosa Freire d’Aguiar. Destes emerge um novo olhar sobre o acadêmico e o articulador político que, em certa medida, justificam os

---

<sup>7</sup> Há aqui um paralelo entre o que Furtado observa no âmbito das Ciências Econômicas e no pensamento das elites brasileiras, culturalmente alienadas. Elas apenas consumiriam e reproduziriam conhecimentos forâneos, mantendo a concentração de poder ao longo do tempo, ao que se associa a importância de reformas estruturais para romper com as bases que sustentam esse sistema. Do mesmo modo, no âmbito teórico, a ruptura também seria drástica.

caminhos por ele escolhidos. A partir disso, independente da concordância teórica, é inevitável que a admiração venha na esteira: vemos o ser humano, para além do historiador que, através da economia, entrou para a história.

É possível concordar com Furtado quando ele diz, em 1945, que a vida do homem é uma obra de arte, de modo que “estudá-la e realizá-la é trabalho árduo, mas é esta a primeira obra que a cada um cabe realizar – ela é a porta de acesso a tudo mais” (FURTADO, 2019, p. 88). A partir de suas experiências e de um grande esforço na busca do conhecimento enquanto ‘arma para a mudança’, o filho do sertão se tornou filho do mundo, percorrendo os confins do Nordeste brasileiro e diversos países, espalhando a sua compreensão sobre diferentes problemas associados ao desenvolvimento e ao subdesenvolvimento e se tornando referência naquilo que fazia. Embora ele achasse que “os homens capazes de realizar coisas verdadeiramente grandes tinham um certo sentido trágico da vida, e que estavam assim armados para não se maravilhar com a própria obra”, é difícil imaginar que, em sua velhice, não tenha se orgulhado de sua contribuição ao Brasil (FURTADO, 2019, p. 188).

Talvez ele precisasse ter direcionado a si mesmo as palavras que proferiu na despedida de Prebisch da Cepal, em uma conferência realizada em Mar del Plata, em 1963: “para os homens que se projetam pelo pensamento criador e têm a faculdade de influir sobre os acontecimentos pela força de suas ideias, não existem despedidas, porque eles sempre estarão presentes” (FURTADO, 2014, não paginado). O fato de ser amplamente citado, de discorrermos sobre suas reflexões e de identificarmos a atualidade em seu pensamento é resultado de um mundo que é diferente porque ele foi, de fato, um agente de transformação. E nisso, “fortifica-se o sentimento de que a vida foi bem aproveitada” (FURTADO, 2019, p. 325).

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, J.L.A. Furtado e a educação pela pedra, entranhada. In: DE SOUZA, C.M.; THEIS, I.M.; BARBOSA, J.L.A. (Org.) **Celso Furtado: a esperança militante (Volume 1)**. Campina Grande: EDUEPB, 2020.

BIELSCHOWSKY, R. Celso Furtado e o pensamento econômico latino-americano. In: BRESSER-PEREIRA, L.C.; REGO, J.M. (Org.) **A grande esperança em Celso Furtado – Ensaio em homenagem aos seus 80 anos**. São Paulo: Ed. 34, 2001.

BIELSCHOWSKY, R. **Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

BRESSER-PEREIRA, L.C. Método e Paixão em Celso Furtado. In: BRESSER-PEREIRA, L.C.; REGO, J.M. (Org.) **A grande esperança em Celso Furtado – Ensaios em homenagem aos seus 80 anos**. São Paulo: Ed. 34, 2001.

CEPÊDA, V.A. O pensamento político de Celso Furtado: desenvolvimento e democracia. In: BRESSER-PEREIRA, L.C.; REGO, J.M. (Org.) **A grande esperança em Celso Furtado – Ensaios em homenagem aos seus 80 anos**. São Paulo: Ed. 34, 2001.

DE LACERDA, A.C.; MEDEIROS, C. FEIJÓ, C.; BACELAR, T. Entrevista – Rosa Freire d’Aguiar. Centenário de Celso Furtado. **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 25, p. 366-386, Jan-Jun/2020.

DE SOUZA, C.M.; THEIS, I.M.; BARBOSA, J.L.A. (Org.) **Celso Furtado: a esperança militante (Volume 1)**. Campina Grande: EDUEPB, 2020.

FURTADO, C. **Criatividade e Dependência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FURTADO, C. **Cultura e desenvolvimento em época de crise**. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

FURTADO, C. **Essencial** (Apresentação e organização: Rosa Freire d’Aguiar). Penguin Classics. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. E-book não paginado.

FURTADO, C. **Obra Autobiográfica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. E-book não paginado.

FURTADO, C. **Diários intermitentes: 1937-2002**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PAULANI, L.M. A utopia da nação: esperança e desalento. In: BRESSER-PEREIRA, L.C.; REGO, J.M. (Org.) **A grande esperança em Celso Furtado – Ensaios em homenagem aos seus 80 anos**. São Paulo: Ed. 34, 2001.

QUIJANO, A. (Ed.) **Des/colonialidad y bien vivir: um nueno debate en America Latina**. Lima: Editorial Universitaria, 2014.

THEODORO, M. Entrevista com o professor Celso Furtado. In: QUINTELA, A. et al. (Org.) **Celso Furtado: os combates de um economista**. Fundação Perseu Abramo: Expressão População, 2020.